



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAMETRO
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ANDRÉ ARAÚJO ROCHA
RAQUEL DA COSTA MATOS

“CADA FAVELADO É UM UNIVERSO EM CRISE”: O HIP HOP E A PSICOLOGIA
NA CONSTRUÇÃO DE UM BEM-ESTAR COLETIVO

FORTALEZA
2024

ANDRÉ ARAÚJO ROCHA
RAQUEL DA COSTA MATOS

“CADA FAVELADO É UM UNIVERSO EM CRISE”: O HIP HOP E A PSICOLOGIA NA
CONSTRUÇÃO DE UM BEM ESTAR COLETIVO

Pesquisa apresentada ao curso de Bacharelado
em Psicologia do Centro Universitário
Fametro - UNIFAMETRO como parte dos
requisitos para a conclusão do curso.

FORTALEZA
2024

ANDRÉ ARAÚJO ROCHA
RAQUEL DA COSTA MATOS

“CADA FAVELADO É UM UNIVERSO EM CRISE”: O HIP HOP E A PSICOLOGIA NA
CONSTRUÇÃO DE UM BEM ESTAR COLETIVO

Artigo TCC apresentado no dia 14 de junho de 2024 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia da UNIFAMETRO, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelas professoras abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Me. Amanda Livia de Lima Cavalcante
Membro- UNIFAMETRO

Prof.^a. Dra Maria Zelfa Feitosa Oliveira
Membro - UNIFAMETRO

Prof.^a. Me. Andie de Castro Lima
Membra externa – Universidade Federal do Ceará

Para todos aqueles que precisaram, em
algum momento, interromper seu sonho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

ANDRÉ.

De todas as trilhas que passei, de fato, a faculdade foi a mais difícil até agora, e não teria conseguido passar sem a força que recebi ao longo do caminho. À minha mãe que, de longe, foi quem me ensinou sobre o esforço e a importância da educação. À minha namorada, Bia, que no último ano foi aquela que fez com que eu tivesse chão para continuar. A todos os meus amigos, em especial Ricardo e Rayssa, que me ajudaram em todos os momentos que precisei e, por fim, à minha dupla, Raquel, a pessoa que me compreendeu quando precisei e me ajudou quando não poderia ter continuado sozinho. Mais do que companheiros, todos foram o motivo para que eu tenha iniciado e terminado esse caminho. Não poderia, no fim dele, me indispor a continuá-lo procurando sempre ser melhor.

Todo o bem pelo qual me responsabilizarei em cumprir não seria possível sem tudo que recebi de cada um. Eu não seria nada sem cada um de vocês.

RAQUEL.

Eu, Raquel, gostaria de agradecer primeiramente a minha mãe, pois sei dos seus esforços e dos sacrifícios realizados para que eu pudesse chegar até aqui, sempre insistindo na educação como forma de melhorar de vida e mostrando que o conhecimento produz liberdade. Não estaria terminando a graduação sem ela. Sou extremamente grata a senhora e espero que todo o nosso esforço valha a pena.

Agradeço e reconheço que sem os programas de incentivo à graduação como o ProuUni e a bolsa Unifametro, além da minha resiliência, não passaria esses 5 anos e meio em faculdade privada.

Agradeço à Rua pelas experiências que vivi, pois me deram a sagacidade e criticidade necessária para chegar até aqui. Agradeço aos que vieram antes de mim por abrir espaço e dar voz às lutas necessárias. Agradeço também aos professores que, com amor à docência, me cativaram a impulsionar os estudos em vezes que o cansaço predominava. Agradeço as preceptoras de estágio e profissionais da área pelos toques e orientações no campo institucional, sobretudo nos equipamentos de políticas públicas, visto que a prática foi essencial para me reconhecer ainda mais como profissional. Agradeço ao Hip Hop por expressar, com toda a rebeldia necessária, as denúncias e reivindicações por direito, nesse mundo tão hipócrita. Por fim, agradeço às minhas amigadas e todas as pessoas que me incentivaram, acolheram quando necessário e proporcionaram momentos de equilíbrio para aguentar a vida acadêmica.

“CADA FAVELADO É UM UNIVERSO EM CRISE”: O HIP HOP E A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UM BEM ESTAR COLETIVO

"EVERY FAVELA DWELLER IS A UNIVERSE IN CRISIS": HIP HOP AND PSYCHOLOGY IN THE CONSTRUCTION OF COLLECTIVE WELL-BEING

André Araújo Rocha¹

Raquel da Costa Matos²

Amanda Livia de Lima Cavalcante³

RESUMO

Esta pesquisa explora a práxis do psicólogo no contexto das favelas por meio de uma abordagem qualitativa, baseada na análise de documental, com foco nas letras de canções do rap nacional. Serão abordadas questões referentes à mobilização e reflexão crítica sobre a postura do psicólogo diante das questões sociais, afastando-se, portanto, da neutralidade. O objetivo geral é analisar como a psicologia pode, através de sua práxis, contribuir para o bem-estar coletivo nas favelas. Os trechos analisados foram divididos em cinco categorias condizentes a dois tópicos, sendo as categorias “Necropolítica”, “Conflitos Internos” e “Dificuldades e limitações como Problemáticas psicossociais atrelado ao quefazer do psicólogo”, além das categorias sobre “A importância do vínculo” e “O futuro como Construção de caminhos possíveis para o bem-estar coletivo”. Através disso, observa-se que é necessário uma visão crítica sobre a atuação do psicólogo diante das problemáticas encontradas e já conhecidas, mas não focando apenas nelas, pontuando também as potencialidades que existem na favela. É fundamental que os profissionais de psicologia compreendam as complexidades das questões psicossociais enfrentadas por esses grupos, levando em consideração os desafios específicos de marginalização, estigma e desigualdade, trabalhando com processos de conscientização com os devidos atores em seus contextos junto a formas de reconhecer e desenvolver ainda mais a potência desses grupos. Portanto, contribuir para uma mudança real e significativa não se trata somente de oferecer serviços pontuais de intervenção, mas também trabalhar ativamente para empoderar as comunidades, fortalecendo sua capacidade de resistir e transformar suas próprias realidades.

Palavras-chave: Favelas; Bem-Estar; Hip-Hop; Psicologia Social,

ABSTRACT

This research explores the praxis of the psychologist in the context of the favelas through a qualitative approach, based on content analysis, with a focus on national rap lyrics. Issues relating to mobilization and critical reflection on the psychologist's stance on social issues will

¹Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

²Graduanda do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

³Profª. Me. do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

be addressed, thus moving away from neutrality. The overall objective is to analyze how psychology can, through its praxis, contribute to collective well-being in the favelas. The excerpts analyzed were divided into 5 categories, which are consistent with two topics: Necropolitics, Internal Conflicts and Difficulties and Limitations as psychosocial issues linked to the psychologist's work, as well as the categories on The importance of the bond and The future as the construction of possible paths for collective well-being. This shows that a critical view of the psychologist's work is needed in the face of the problems encountered and already known, but not just focusing on them, but also highlighting the potential that exists in the favela. It is essential that psychology professionals understand the complexities of the psychosocial issues faced by these groups, taking into account the specific challenges of marginalization, stigma and inequality, working on awareness-raising processes with the appropriate actors in their contexts, along with ways of recognizing and further developing the power of these groups. Therefore, contributing to real and meaningful change is not just about offering one-off intervention services, but also about actively working to empower communities, strengthening their capacity to resist and transform their own realities.

Keywords: Favelas; Well-being; Hip-Hop; Social Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa explora a práxis, uma união dialética entre teoria e prática que, nesse caso, é apicada à busca de uma consciência social (Batista, 2007), do psicólogo no contexto das favelas por meio de uma abordagem qualitativa baseada na análise de documental, com foco nas letras do *rap* nacional. Serão abordadas questões referentes à mobilização e reflexão crítica sobre a postura do psicólogo diante das questões sociais, afastando-se, portanto, da neutralidade. Este estudo também examina o papel político do psicólogo através da análise de dados e experiências empíricas dos pesquisadores.

O reconhecimento da ausência de neutralidade decorre da necessidade de uma compreensão prática do tema investigado. A interpretação de uma obra inicia-se com a análise do autor, o seu contexto e as conexões de seu conhecimento e a quem esse conhecimento serve. Essa abordagem motiva a avaliação da realidade, não a partir de idealismos ou utopias sociais, mas da realidade concreta e daqueles que a constroem.

Nesta pesquisa usamos o termo “favela”, como ato político, em vez de “comunidades”. Isso não anula o fato de que são grupos com interesses em comuns vivendo em situações semelhantes. Contudo, como nos traz MV BILL (2017) em sua participação no projeto Favela Vive, “Não dá pra acreditar que vai mudar/Se trocar o nome de favela pra comunidade/Pouco importa a nomenclatura se falta cultura”, ou seja, discutir sobre a garantia de direitos é mais importante do que por nomenclaturas.

A partir da discussão proposta, delineia-se o objeto de estudo que problematiza a práxis do psicólogo nas favelas. A pesquisa formula a seguinte questão investigativa: qual o papel da psicologia no bem-estar coletivo das periferias?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como a psicologia pode, através de sua práxis, contribuir para o bem-estar coletivo nas favelas. Especificamente, pretende-se: 1) Investigar epistemologicamente a construção da ciência psicológica, destacando seu papel ético-político; 2) Discutir as problemáticas psicossociais enfrentadas na favela; 3) Propor intervenções psicossociais que dialoguem com a práxis da psicologia e o bem-estar coletivo nas favelas.

A população periférica é atravessada por diversas formas de violência e enfrenta múltiplos desafios diários. Como afirmam os Racionais MC's (2002): "Cada favelado é um universo em crise". Pensar uma psicologia voltada para as favelas não se resume a tratar feridas emocionais, mas a expandir as potencialidades dos indivíduos marginalizados e frequentemente negligenciados.

Pessoalmente, destacando o rompimento com a noção de neutralidade no fazer científico, este estudo se justifica pela vivência empírica dos pesquisadores como experiências particulares ao longo da trajetória de vida, nas práticas de estágio e pelos desafios encontrados durante a graduação em Psicologia para obter um ensino que aborde este contexto fora das disciplinas de Psicologia Social e grupos de estudos específicos.

Este estudo busca contribuir para um pensamento crítico sobre o papel do profissional de psicologia na sociedade em que está inserido, promovendo a construção de um saber científico com uma percepção social refinada sobre as interseccionalidades que envolvem cada população. Espera-se também fornecer uma fonte de conteúdo para interessados no tema que desejam realizar futuros trabalhos na área e para profissionais atuantes na sociedade e em contato com a comunidade, fomentando a reflexão e discussão com base nas vivências de campo. Pensar no cuidado de qualidade e atenção às demandas da população vulnerável resulta em uma sociedade mais saudável, considerando que essa população é a principal mobilizadora da produção e compõe a maioria dos brasileiros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A construção de uma Psicologia crítica e o seu papel ético-político.

O papel ético-político do profissional psicólogo transcende as fronteiras do consultório, adentrando os espaços sociais onde as injustiças e opressões se manifestam. Além

de oferecer suporte emocional e psicológico aos indivíduos, o psicólogo tem o dever ético de reconhecer e confrontar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e marginalização.

Isso implica em uma constante reflexão sobre suas próprias posições de privilégio e poder, bem como um compromisso ativo em promover a justiça social e os direitos humanos. Ao se engajar na desconstrução de preconceitos, na promoção da inclusão e na defesa dos direitos das minorias, o psicólogo não apenas auxilia no processo de mudança das condições opressivas da realidade, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.

Dentro do escopo das responsabilidades do psicólogo, conforme estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em seu Código de Ética da Profissão, estão incluídos compromissos essenciais que protegem e instrumentalizam o profissional da psicologia. Além de conhecer, divulgar, cumprir e garantir o cumprimento do Código de Ética, o psicólogo deve assumir responsabilidades profissionais apenas nas quais esteja devidamente capacitado, atentando-se ao cumprimento da do tripé da ciência psicológica (formação acadêmica, psicoterapia individual e supervisões com outros profissionais). O documento visa assegurar a prestação de serviços psicológicos de alta qualidade, em ambientes de trabalho condizentes com a natureza desses serviços, empregando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente embasados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional (CFP, 2005)

É ainda fundamental ressaltar que a atuação ética e responsável desses profissionais desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar individual e coletivo. Ao cumprir os deveres estabelecidos pelo Código de Ética Profissional, os psicólogos não apenas contribuem para a qualidade dos serviços psicológicos, mas também desempenham um papel significativo na transformação de condições opressivas e na busca por soluções para questões sociais mais amplas. Dessa forma, a integridade e a competência dos psicólogos não só fortalecem a confiança na profissão, mas também promovem o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e saudável. Em última análise, a interseção entre o compromisso ético individual e a responsabilidade social coletiva destaca a importância vital da psicologia como uma disciplina que contribui para o aprimoramento do bem-estar humano em todas as suas dimensões (CFP, 2005).

No âmbito das responsabilidades éticas dos profissionais psicólogos, destacam-se, para a condução desta pesquisa, os Princípios Fundamentais delineados pelo Conselho Federal da categoria.

De relevância indiscutível para a prática clínica, o Conselho nos orienta a que o profissional: 1) Baseie seu trabalho no respeito e promoção da liberdade, dignidade, igualdade e integridade do ser humano, respaldando-se nos valores enraizados na Declaração Universal dos Direitos Humanos; 2) Trabalhe com o intuito de promover a saúde e qualidade de vida das pessoas e comunidades, contribuindo para erradicar formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CFP, 2005).

O Conselho aborda ainda que é fundamental que esse profissional: 3) Atue com consciência social, realizando uma análise crítica e histórica da realidade política, econômica, social e cultural; 4) Exerça sua função com responsabilidade, por meio de contínua capacitação profissional, colaborando para o avanço da Psicologia como campo científico e prático; 5) Contribua para a democratização do acesso da população à informação, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão; 6) Garanta que sua atuação profissional seja conduzida com dignidade, repudiando situações que desonram a Psicologia; 7) Leve em consideração as dinâmicas de poder nos contextos em que atua, bem como os impactos dessas dinâmicas em suas atividades profissionais, posicionando-se de maneira crítica e em concordância com os demais princípios do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

O papel crítico e social da psicologia emerge em consonância com as circunstâncias específicas da comunidade a que se destina. No atual contexto desta pesquisa, caracterizado por injustiça estrutural e tremendos conflitos de classe, a função do profissional psicólogo deve transcender a mera resolução de problemas individualizados, implicando em uma práxis que deve ter como última instância a promoção de uma consciência crítica capaz de transformar a sociedade e os contextos de desigualdades social (Martín-Baró, 1996).

Quando falamos da psicologia e do cumprimento de seu papel social, levando em consideração a já referida ética profissional e a responsabilidade com a comunidade, aprendida e jurada na formação acadêmica, o psicólogo tem a necessidade, senão obrigação, segundo Martín-Baró (1996), de uma postura circunstancial em razão do contexto em que aquela comunidade está inserida, atentando-se, sobretudo, a não somente às necessidades do campo, mas aos recursos disponíveis e limites ao alcance do público alvo.

Mesmo não sendo chamado para resolver efetiva e diretamente uma questão, seu papel deve ser o de contribuir, viabilizar e facilitar um pensamento crítico sobre a realidade e as condições materiais em que estão incluídas as pessoas atendidas, procurando assim um meio de conscientização e mobilização das forças das massas para a busca de uma resposta, sempre

promovendo o protagonismo àquele grupo, ajudando-o no desenvolvimento de uma consciência crítica para a fuga de uma consciência existencial alienada, e que, de maneira autônoma e coletiva, haja a satisfação da promoção de seu próprio bem-estar. Em resumo, seu papel é reconhecer a capacidade do indivíduo e da comunidade em si pela responsabilidade na construção de suas vidas é a via processual de como a facilitação social, enfatizada no local e nas pessoas que ali vivem, deve ser realizada (Góis, 2003).

Segundo Silva e Bicalho (2022), refletir sobre a prática profissional faz-sede extrema importância para o profissional, além de observar e atuar a partir de um posicionamento crítico que vise a garantia de direitos e entendimento sobre o contexto em que a população periférica vive. Os autores também alertam para a forma como o racismo estrutural na sociedade, a desigualdade, a repressão policial e a falta de acesso a bens, serviços e direitos também afetam e compõem a subjetividade desses sujeitos.

Ainda segundo Martín-Baró, como crítica que é transcendental e aplicável à prática contemporânea, não há surpresa em uma prática psicológica elitista em que os profissionais focam-se quase que exclusivamente nas parcelas mais ricas da sociedade, criando um recorte fenomenal de práticas voltadas a origens pessoais e individuais de seus problemas, muitas vezes excluindo a sociedade daquele sujeito e o modo como um age sobre o outro, empobrecendo a análise e transformando as discussões clínicas em práticas subjetivas e presas ao próprio sujeito, fatalmente fazendo com que a prática psicológica se torne também uma ferramenta útil às reproduções perversas do tecido social (Martín-Baró, 1996).

2.2 A Periferia

A definição de periferia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), refere-se a aglomerados subnormais, ocupação irregular ou ilegal de espaço público ou privado alheio com finalidade habitacional. Embora produzida a partir de critérios como densidade populacional e infraestrutura urbana, não é exclusiva e universal em sua descrição.

D'Andrea (2020) aborda que processos históricos e sociais, como a ascensão do movimento popular, a implantação do neoliberalismo e do lulismo no começo do século, são processos que incidiram diretamente nos modos de vida e nas formulações políticas e teóricas da periferia e sobre a periferia no Brasil.

A pesquisadora afirma ainda que, por mais que na década de 1980 o termo já fosse conhecido e utilizado pelos moradores, ele passou a ganhar força e significado na década de

1990, quando o movimento *hip-hop* passou a publicar o termo. A partir de então o termo passou a ser reivindicado. Pode-se observar assim o papel das expressões culturais na formulação da identidade periférica (D'Andrea, 2020).

Guareschi *et al.* (2003), em seus Estudos Culturais, observam que a cultura produz efeitos na construção de identidade dos indivíduos, trazendo em si a ideia de organização e possibilidades de criação independente do espaço-tempo, além de não separar o cenário histórico, político e econômico da produção cultural. A cultura precisa ser compreendida a partir de elementos como o contexto histórico, político e econômico do qual ela surge, ao mesmo tempo em que os compõe. Isso produz um segundo efeito: o de não separar o cenário histórico, político e econômico da produção cultural.

Quando consideramos as dificuldades enfrentadas por uma população, o conceito de vulnerabilidade se torna crucial na delimitação de um grupo a ser analisado. De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (Brasil, 2004), o público vulnerável socialmente é definido como o conjunto de indivíduos e famílias que possuem pelo menos uma das características citadas a seguir.

Primeiramente, infraestrutura inadequada engloba domicílios que carecem de saneamento básico, incluindo falta de abastecimento de água adequado, instalações sanitárias apropriadas e tratamento ineficaz de resíduos. Isso inclui também situações de vandalismo rudimentar e eliminação inadequada de resíduos, especialmente em ambientes com mais de duas pessoas por sala.

Além disso, famílias com renda *per capita* extremamente baixa, inferior a um quarto do salário mínimo, enfrentam níveis alarmantes de vulnerabilidade econômica. Outro ponto é a associação entre baixa renda, presença de crianças de 0 a 14 anos e responsáveis com baixa escolaridade. Isso evidencia a interligação entre níveis de renda e limitações educacionais.

Há também a identificação de famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge, com filhos menores de 15 anos e chefes analfabetos, ressaltando a vulnerabilidade das famílias monoparentais femininas. Famílias em situação de desocupação, com pelo menos um desempregado com 16 anos ou mais em busca de emprego e com baixa escolaridade, destacam a relação entre desemprego e falta de formação educacional. A presença de trabalho infantil, indicada em famílias com pessoas de 10 a 15 anos trabalhando, mostra sinais preocupantes desse problema social. A não frequência escolar de crianças de 4 a 14 anos em determinadas famílias destaca a importância do acesso à educação para evitar situações de vulnerabilidade.

As famílias com renda per capita baixa e pessoas idosas, com 60 anos ou mais, evidenciam a vulnerabilidade associada à velhice. Por fim, famílias com renda per capita inferior a meio salário mínimo e pelo menos uma pessoa com deficiência ressaltam a necessidade de apoio em situações de vulnerabilidade específicas.

Essas informações, conforme descritas na Política Nacional de Assistência Social de 2004 (PNAS/2004), definem os critérios que caracterizam a vulnerabilidade social onde, de forma menos técnica, podemos verificar.

Quando tratamos de um contexto social que é fruto e produtor dele próprio, é fundamental citar também a cultura saída desse meio. Por exemplo, o grupo de rap nacional Racionais MC's, reconhecido em todo o país, apresenta uma discografia diversificada que retrata a periferia como uma construção social vulnerável, revelando de maneira performática as realidades experimentadas e as dificuldades inerentes a essa vulnerabilidade social. Por meio da análise do álbum "Nada como um dia após o outor dia" (2002), é possível identificar narrativas da vida em sociedade sob a perspectiva periférica.

Na faixa "Jesus Chorou", são abordados temas como desigualdade e escassez de oportunidades para essa população. Já em "Negro Drama", o grupo discorre sobre o racismo, a discriminação e a violência presentes nas comunidades periféricas do Brasil, como exemplificado no trecho: "Daria um filme: Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço. Veja, olha outra vez o rosto na multidão" (Racionais, 2002).

Além da relevante contribuição desse grupo, que alcançou prestígio pela franca descrição da vida periférica, nota-se uma produção de significado para a periferia por parte dos próprios residentes, que são heterogêneos e diversos. Conforme argumentado por D'Andrea (2020), uma diversidade de atividades culturais têm emergido na periferia, incluindo saraus, batalhas de *hip-hop*, graffiti, grupos de dança e expressões literárias marginais. Essas atividades têm se expandido significativamente como formas afirmativas de ação, impulsionadas por pelo menos cinco razões principais: como meio de pacificar contextos marcados pela violência e estigmatização, como alternativa de subsistência frente ao emprego assalariado e atividades ilícitas, como instrumento para melhorar as condições locais, como veículo para engajamento político e como esforço para humanizar um contexto caracterizado pela violência.

Esse amplo movimento cultural tem sido crucial na disseminação de uma consciência periférica ao afirmar a identidade e denunciar as condições de vida. A prática social desses coletivos experimenta novas modalidades de ação política, destacando-se pela sua capacidade de influenciar os territórios periféricos. Todo esse contexto citado se configura

como estratégias de enfrentamento às violências. Desse modo, articulando com o objeto de estudo desta pesquisa, que se configura em refletir sobre a práxis dos psicólogos nas favelas, é fundamental que a promoção do bem-estar coletivo das periferias por parte de uma Psicologia Crítica e engajada, considere tais expressões artísticas por serem frutos de processos de (re)existências e modos de vida cotidiana.

Em suma, a análise do papel ético-político da psicologia nos contextos periféricos evidencia a premente necessidade de uma abordagem que vá além do viés individualizante, direcionando-se às demandas coletivas e estruturais dessas comunidades. O envolvimento crítico dos profissionais de psicologia nessas realidades requer não apenas a compreensão das condições socioeconômicas e culturais, mas também o reconhecimento e a valorização das expressões culturais e das formas de resistência próprias desses espaços.

Nesse sentido, a promoção do bem-estar coletivo nas periferias exige uma psicologia engajada com a transformação social e a busca pela justiça, que reconheça e fortaleça as vozes e os movimentos das comunidades marginalizadas. A partir dessa reflexão, é possível adentrar em uma análise mais profunda do conceito de periferia e das dinâmicas sociais que a permeiam, destacando o papel das expressões culturais como instrumentos de resistência e empoderamento desses grupos.

3 CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

3.1. Tipo da pesquisa

Essa é uma pesquisa qualitativa do tipo análise documental. Através dessa pesquisa serão analisados conteúdos bibliográficos e musicais. A metodologia qualitativa possui como característica a análise do fenômeno numa perspectiva integrada, ou seja, são coletadas e analisadas várias fontes de dados a fim de compreender o fenômeno em questão (Godoy, 1995).

Através da pesquisa qualitativa geram-se algumas possibilidades, dentre elas está a pesquisa documental a qual Godoy (1995) define em seus estudos como uma pesquisa inovadora que traz contribuições importantes sobre a investigação de determinados temas, visto que através dos documentos há um contato ainda que indireto com o grupo e a realidade a ser explorada. O documento em questão pode ser de diferentes tipos como, por exemplo, artigos, livros, músicas, jornais e documentários. Desse modo, para construção dessa pesquisa em questão foi realizada uma pesquisa documental a partir de músicas que pertencem ao movimento HIP HOP conforme será explicado a seguir.

Diante do intuito de pesquisar a problemática da práxis dos psicólogos na favela usaremos da análise de dados para investigar o contexto ético-político em que a psicologia está inserida através do material bibliográfico produzido até o momento sobre a atuação da profissão. Através da análise de músicas serão trabalhadas as problemáticas psicossociais que envolvem a periferia.

3.2. Lócus da Pesquisa:

O *hip hop* é uma cultura composta por quatro elementos: o MC, o DJ, o *break* e o *graffiti*. O MC e o DJ integram a música, o *Break* contempla a dança e o *graffiti* as expressões artísticas visuais.

De acordo com Gasparini (2020), a Cultura do Hip Hop surge a partir de manifestações socioculturais. Sua origem tem início no final da década de 1960, no período em que nos Estados Unidos havia um grande movimento em prol dos direitos humanos e grupos marginalizados; no mesmo período em que na Jamaica jovens eram obrigados a migrar para os EUA devido a crise econômica que afetava a ilha. Assim, esse movimento cultural foi criado por grupos norte-americanos com forte influência jamaicana para apaziguar através da dança, as brigas de rua dos jovens negros e latino-americanos agrupados em gangues.

O RAP, gênero musical pertencente ao movimento HIP HOP, expressa através do Ritmo e Poesia (Rytmo and Poesia) a luta por justiça e equidade, assim como relata os reflexos psicossociais que a discriminação, negação de direitos, ocasiona em determinados sujeitos que enfrentam tais problemáticas em seu cotidiano, sobretudo os jovens negros moradores das favelas, os quais são os produtores deste grande gênero musical.

Machado e Prado (2010) descrevem o Rap como um meio de disseminação de informação entre os jovens da periferia. Em seus estudos, as autoras evidenciam o ritmo musical advindo do Hip Hop como um elemento provocador de processos de informação, além de se diferenciar de outros movimentos artístico-culturais por buscar agregar a literatura como produção e aquisição de conhecimento.

Magro (2002, p.68) define que o movimento adotado por jovens negros nas periferias “tem transformado para muitos jovens o lazer em forma de luta e resistência.” A autora ainda menciona em sua pesquisa que o Hip Hop se iniciou no Brasil na década de 1980, tornando-se o RAP um meio que possibilita a mobilização e conscientização. E assim, na década seguinte, caracteriza-se como ação coletiva bem delimitada de conscientização política.

Assim, pode-se observar que a música acessa lugares e pessoas que muitas das vezes a psicologia não consegue acessar, a escrita da música evidencia pensamentos, subjetividades e angústias que outrora não conseguem ser expostas e também absorvidas pela via do diálogo comum.

3.3. Construção do Corpus

Para a construção do corpus desta pesquisa primeiro buscou-se a delimitação do tipo de conteúdo, delimitação de qual o gênero musical e assim a seleção da amostra, sendo escolhidas inicialmente 14 músicas de rap nacional, gênero advindo do Hip Hop, sendo seis músicas de 2 grupos cearense (Subconsciente em Pauta e Segura O'Tombo), cinco de 3 artistas do Rio de Janeiro (Azyy, BK e Leall) e três músicas do grupo paulista Racionais MC's. Ambas possuem como *locus* de acesso às músicas a plataforma Youtube. A escolha dos artistas ocorreu devido ao conteúdo em que eles trabalham em suas músicas e se relacionam com as temáticas condizentes ao objeto de estudo.

A escolha dos artistas ocorreu devido ao conteúdo das músicas. Nas obras são abordadas as temáticas que se relacionam às problemáticas psicossocial nas favelas, a qual o conteúdo trouxe identificação. Diante disso, os artistas foram selecionados devido às vivências nos trechos que também são em parte as suas experiências pessoais.

A partir da seleção da amostra que foi realizada dos artistas citados acima, a análise do conteúdo resultou em 125 trechos definidos inicialmente a partir das 14 músicas escolhidas. Para filtrar ainda mais o conteúdo analisado foram utilizados os seguintes critérios de exclusão e inclusão para selecionar os trechos e dividi-los em categorias.

Tabela 1: Critérios de seleção avaliados

Exclusão	Inclusão
Trechos com premissas repetidas.	Trechos com temas bem delimitados.
Trechos de interpretação vaga e difícil categorização.	Trechos que apresentassem problemáticas psicossociais enfrentadas pela favela.
Trechos sem implicações psicossociais.	Produção de sentido dos sujeitos envolvidos.

A classificação ocorreu através de uma planilha dividida em quatro abas: “Seleção bruta”, a qual se refere aos 125 trechos iniciais; “Filtro dos trechos”, no qual houve o filtro e definição de categorias próximas; “Definição de categorias”, na qual foram criadas as sete principais categorias pela junção das demais; “Exclusão”, a aba a qual foram adicionados os trechos que foram removidos por incompatibilidade com os processos anteriores.

Com isso, foram excluídos 95 trechos a partir dos critérios de exclusão, resultando em 30 trechos finais dos 125 escolhidos inicialmente. A divisão foi realizada em cinco categorias principais, as quais abordam as problemáticas psicossociais nas favelas interpretadas através das músicas. As categorias são: 1) Necropolítica, 2) Dificuldades e limitações, 3) Conflitos Internos, 4) A Importância do Vínculo e 5) O Futuro. Assim, há uma média de quatro trechos para cada categoria principal. Abaixo seguem as tabelas divididas entre as categorias e com os trechos musicais a serem analisados nos resultados.

Tabela 2: Categoria Necropolítica

NECROPOLÍTICA			
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu No clima quente, a minha gente sua frio Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, (Racionais MC's, 2002)	a mídia não mostra o que eu sinto e nem a bala que atinge os crânios dos meninos, já sabe de onde vem o tiro (Subconsciente em Pauta, 2021)	Tá na esquina é suicídio, mas é uma forma de se manter vivo, onde o Estado se encontra omissos, a fome não adula e não espera os menino (Subconsciente em Pauta, 2021)	Bem vindo a cidadela onde a pátria não tá nem vendo, o corpo do favelado serve pra teste de armamento (Subconsciente em Pauta, 2019)
E dentro da tela o político pede a paz fornecendo o armamento pra polícia matar meus iguais, em nome da segurança pública, em nome da paz, na prática é diferente é o verdadeiro satanás (Segura O'Tombo, 2020)	Não posso ficar parado, tá morrendo do meu lado, irmão mata irmão, só morre favelado (Segura O'Tombo, 2020)	E é só mais um preto atirando no espelho, causa e efeito no gueto causando medo no beco (Subconsciente em Pauta, 2021)	Sem redução de danos, aumento dos planos e as drogas gerando, madrugada o comércio é aberto, produtos raros viciam voltando, epicentro da guerra é dinheiro trocado (Subconsciente em Pauta, 2021)
Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico Em busca do meu sonho de consumo Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas O crime (Racionais MC's, 2002)	Pátria amada, derrotada Mulher sendo abusada Mães tem sido espancadas Crianças abandonadas (Azzy, 2018)		

Tabela 3 - Categoria Dificuldades e Limitações

DIFICULDADES E LIMITAÇÕES			
Mas se eu sair daqui, quem vai contratar? (Leall, 2021)	Ser empresário não dá, estudar nem pensar Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar Ser criminoso aqui é bem mais prático (Racionais, 2002)	Da ponte pra cá é a órbita da favela tem que aprender a respeitar pra poder passar por ela (Subconsciente em Pauta, 2021)	

Tabela 4- Categoria Conflitos internos

CONFLITOS INTERNOS			
Eu durmo pronto pra guerra E eu não era assim, eu tenho ódio E sei o que é mau pra mim Fazer o que se é assim (Racionais MC's, 2002)	Mesmo no ódio puro não agir na emoção, paciência é a chave já avisei pros meus irmão (Segura O'Tombo, 2021)	Medalhas de prata não valem nada (BK, 2016)	Nego, ninguém me deu nada de graça. Eu quero tudo, eu posso tudo Tudo nessa vida passa E o que me faz ser diferente é a vontade do início ao fim da caminhada (LEALL, 2021)
Mas limpa o sangue da camisa e manda se fuder, já que o inferno é só nosso e você não vai entender (Segura O'Tombo, 2020)			

Tabela 5- Categoria O Futuro

O FUTURO			
Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho (Racionais MC's, 2002)	Não espere o futuro mudar sua vida Porque o futuro será a consequência do presente Parasita hoje, Um coitado amanhã Corrida hoje, Vitória amanhã Nunca esqueça disso, irmão (Racionais MC's, 2002)	Que 'cê quer? Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé? (Racionais MC's, 2002)	É isso aí você não pode parar Esperar o tempo ruim vir te abraçar Acreditar que sonhar sempre é preciso É o que mantém os irmãos vivos (Racionais MC's, 2002)

Tabela 6- Categoria A importância do vínculo

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO			
Que a sua família precisa de você Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder (Racionais MC's, 2002)	Eu ainda pixo muro, mantenho minha essência e se eu enriquecer nessa porra minha zaria também enrica, eu não vou é me esquecer de onde que foi minha vida, eu vim do nada e quero tudo antes da minha partida. (Segura O'Tombo, 2020)	Grana pra bancar o estudo de uma pá de criancinha, esquecida na estatística de um país genocida, o meu sonho é muito mais que uma mansão com piscina (Segura O'Tombo, 2020)	Embalando os verso e traficando os livros, trocando ideia que atrai o senso crítico aos meninos (Subconsciente em Pauta, 2021)

3.5- Procedimentos de Análise

Para a análise das categorias que descrevem as problemáticas psicossociais nas favelas, foram utilizados estudos decoloniais atrelados à Psicologia Social Crítica com Martin-Baró, assim como estudos sobre Necropolítica implementados por Achille Mbembe, além de práxis de uma Psicologia antirracista com implicações de Frantz Fanon, Grada Kilomba e Silvio Luiz de Almeida.

Desse modo os resultados e discussões foram divididos em dois subtópicos onde o primeiro abarca as categorias analíticas: necropolítica; dificuldades e limitações, conflitos internos, contemplando o segundo objetivo específico desta pesquisa – o qual se configura em discutir as problemáticas psicossociais enfrentadas na favela. Já o segundo subtópico aborda as seguintes categorias analíticas: a importância do vínculo e o futuro, que contemplam o terceiro objetivo específico desta pesquisa – o qual se configura em possibilitar intervenções psicossociais que dialoguem com a práxis da psicologia e o bem estar coletivo das favelas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Problemáticas psicossociais enfrentadas na favela e o *quefazer* da psicologia

Neste tópico serão discutidas categorias identificadas nos trechos das músicas escolhidas junto à articulação teórica. O foco deste tópico será às problemáticas psicossociais divididas em categorias como a necropolítica e seus diferentes meios de ação, as dificuldades e limitações enfrentadas, além de discutir sobre os conflitos internos resultantes dessas problemáticas junto ao papel da psicologia.

4.1.1 Necropolítica

Como cita Beato e Zilli (2012), a força desproporcional da intervenção policial, com violência em excesso, ataques aos direitos humanos e intervenções injustificadas trazem não somente a desconfiança da população para com as instituições policiais, mas também a revolta pelo sofrimento duplo enfrentado por conta do confronto de interesses diversos.

Quando falamos de facções criminosas, podemos constatar uma forma coletiva de viver a criminalidade, isto é, um grupo formado por pessoas de diversas localidades, espalhadas por diversos territórios, que vivem sob as mesmas regras e detém características em comum (Miranda, 2023). Essas relações, segundo Miranda, ultrapassam os limites das ruas, fazendo conexões para além dos muros das unidades prisionais, entrando nos espaços deixados pelo estado, tendo sua principal atividade no mercado de drogas e armas, como citado acima.

A “necropolítica” é um termo designado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, o qual trata sobre o estudo da política de morte pelo Estado em seus projetos de atuação, não apenas fazendo morrer, mas permitindo mortes de determinadas populações, como por exemplo, por meio da omissão e violência. Mbembe (2018, p. 125) ao abordar o tema refere-se “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”.

O grupo Racionais Mc’s em sua música “Nego Drama” relata os desafios de um jovem negro em sua vida cotidiana. No trecho “Pesadelo, hum, é um elogio/Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu/No clima quente, a minha gente sua frio/Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil” pode-se verificar a execução da necropolítica como essa política de morte que tem um corpo alvo para atingir.

A Violência se apresenta como uma ferramenta para fomentar essa política de morte. Jovens cada vez mais cedo entram em contato com essa, sendo como agentes ativos ou como alvos, por meio direto ou indireto. Conforme o Atlas da Violência (Ipea, 2023) adolescentes homens e jovens são os que mais apresentam riscos de serem vitimados por homicídio. Mesmo que indiretamente esses são afetados, visto que presenciar e vivenciar circunstâncias violentas geram um estado de caos, a qual deixa marcas psicológicas para aqueles que vivenciam a violência em seu cotidiano.

O jornalismo sensacionalista impacta e é uma ferramenta da necropolítica, pois banaliza as mortes e as dores da periferia, além de deturpar e deslegitimar os Direitos Humanos. A música “Bairros Divididos” do Grupo Subconsciente em Pauta (2021) enfatiza isso no trecho “A mídia não mostra o que eu sinto e nem a bala que atinge os crânios dos meninos, já sabe de onde vem o tiro”.

A violência através do populismo penal midiático refletida nos trechos é caracterizada por Silva *et al.* (2022) como uma produção de narrativa midiática na qual o personagem “envolvido” é quem produz os efeitos de legitimação da necropolítica brasileira. Através de um jornalismo no qual o foco é a violência, pouco se busca aprofundar sobre as vítimas; há uma banalização do mal envolta de um sensacionalismo e o efeito a ser produzido é o medo. Com isso, os locais e os corpos a qual são mostrados acabam sendo cada vez mais estigmatizados e passíveis de morte, com a validação do Estado através das forças armadas e da sociedade com a justificativa do combate à criminalidade que por vezes, perpetua a violência.

É preciso trabalhar o impacto que os veículos midiáticos produzem no imaginário coletivo, sobretudo na periferia. Faz-se necessário produzir reflexões sobre como acompanhar

esses veículos podem produzir medo ao sair de casa, a escassez de empatia, a reprodução de estereótipos e a validação da violência.

Na faixa "Pros que Tira de tempo" do grupo Subconsciente em Pauta (2021), evidencia-se a consciência do risco diante da exposição ocasionada devido a ausência do Estado que quando não produz, permite a morte, como segue o trecho: "Tá na esquina é suicídio, mas é uma forma de se manter vivo, onde o Estado se encontra omissos, a fome não adula e não espera os *menino (sic)*".

Existem ações do governo, ou mesmo a falta delas, que impactam na vulnerabilidade de determinadas populações. A fome também é um projeto político, o Brasil é um país com grande porte alimentar – "o Brasil virou 'celeiro do mundo' e já lidera exportações mundiais de sete alimentos", diz o BTG, como consta na reportagem da CNN Brasil (2024). Contudo, há décadas, pessoas na periferia passam fome, seja por não terem condições de arcar com o custo da alimentação devido ao desemprego ou alta inflação ou pela renda não ser suficiente, levando a medidas drásticas como a prostituição ou o tráfico de drogas.

O município de Fortaleza, no estado do Ceará, é o único com uma grande rede de políticas públicas para a Juventude, a qual possui um cuidado amplo em cultura, lazer, educação e garantia de Direitos Humanos. O profissional de Psicologia atua através do psicossocial. Para isso, faz-se necessário entender o contexto de vulnerabilidade, as individualidades e questões coletivas que perpassam esses jovens para um trabalho efetivo na Psicologia Social Comunitária, âmbito de atuação nos equipamentos.

Há limitações que vão além do trabalho do psicólogo. Tratar o individual ou coletivo, por maior importância e necessidade que tenha, não é tão eficaz diante da omissão do governo. Portanto, práticas pontuais ou de acompanhamento produzem um efeito de alívio momentâneo: é como tratar a "ponta do *iceberg*" como forma de aliviar o sofrimento presente. Contudo, é de suma importância que os profissionais de psicologia conheçam políticas públicas e órgãos de referência assistencial que contribuam em condições de melhoria.

Além disso, faz-se necessário a busca por autonomia junto a tal população. O psicólogo precisa elaborar ações que promovam uma consciência crítica, pois mesmo diante das limitações, ainda que não lhe caiba resolver os problemas, o seu papel está atrelado a buscar respostas. O *que fazer* do psicólogo relaciona-se com a condição das transformações opressivas do contexto em que o sujeito está inserido e o auxílio da superação da identidade alienada no âmbito pessoal e social (Martín-Baró, 1996).

O Grupo Subconsciente em Pauta (2019) aponta outro método da política de morte no seguinte trecho da música “Clima Tenso”: “Bem-vindo à cidadela onde a pátria não tá nem vendo, o corpo do favelado serve pra teste de armamento”.

Conforme constam estudos do Instituto Fogo Cruzado, apresentados pela Agência Brasil entre julho de 2016 e novembro de 2022, realizados na região metropolitana do Rio de Janeiro, mil pessoas foram atingidas com balas perdidas, “entre as vítimas, 229 vieram a óbito e 771 sofreram ferimentos.” (Agência Brasil, 2023). As balas perdidas encontram corpos certos, mas diante de toda a estrutura e projetos políticos voltados para o genocídio da população periférica, não há uma percepção do quão necropolítico está o funcionamento social. Gomes *et al.* (2022) traz como efeitos da violência armada a dificuldade de circulação pela cidade por conta do domínio de grupos criminosos e conflitos entre grupos dominantes, além da violência policial a qual é descrita como uma lógica punitivista, racista e opressora.

Em determinadas situações, o psicólogo trabalhará na contenção de danos, quando a força assegurada pelo estado para proteger é aquela que fere, quando organizações com poder arbitrário dominam e sujeitam a risco, o papel do psicólogo fica restrito, mas não se torna nulo. O acolhimento, a escuta e a validação da dor são formas de contribuir para que essa violência não seja banalizada, além disso a própria contribuição junto aos órgãos dos Direitos Humanos, pensando e construindo políticas públicas, estão na práxis desse profissional.

O grupo Segura O’tombo (2020) denuncia em seus versos a discrepância política entre o período eleitoral e a atuação política de fato na música intitulada “Clássico”: “E dentro da tela o político pede a paz fornecendo o armamento pra polícia matar meus iguais, em nome da segurança pública, em nome da paz, na prática é diferente, é o verdadeiro satanás”.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023 p.62) o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública indica que “o cenário nacional é de manutenção da taxa em 3,2 mortes decorrentes de intervenção policial (MDIP) por 100 mil habitantes” e que, por vezes, há desproporcionalidade no uso das forças. Dentre o perfil das pessoas mortas pela polícia, 83,1% são negras e 16,6% são brancas, a maioria são jovens entre 18 a 24 anos representando 45,4% e 22,7% aqueles entre 25 a 29 anos. Através da pesquisa pode-se observar que jovens negros e majoritariamente pobres das periferias brasileiras seguem sendo o alvo da letalidade policial.

Ainda segundo o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023), o perfil de policiais mortos em 2022 também é de homens (98,4%) e negros (67,3%), mas para além

das mortes há também o adoecimento que acaba por não ser acompanhado e tratado como deveria pela instituição, levando ao suicídio em casos mais extremos.

Com isso, pode-se observar que de uma forma ou outra o Estado coopera e proporciona o extermínio de pessoas negras e pobres. Em uma tentativa de fuga da realidade prevista, homens negros e pobres entram para a corporação policial como tentativa de garantir melhores condições de vida. Esses ganham em média vinte anos a mais de vida, mas não desfrutam de uma qualidade de vida tal qual pessoas brancas e ricas. Aqueles que não optam por essa trajetória possuem opções ainda mais limitadas.

Como profissionais de psicologia que atuam neste contexto, é necessário fazer a análise do contexto geral para então entender a problemática e atuar sobre ela. Com um olhar restrito, a conclusão seria do confronto entre esses dois grupos, ou mesmo em maior parte apenas de um, visto o poder e autoridade desproporcionais sobre o outro. Mas, o “verdadeiro satanás” citado no trecho, não seria a polícia e o Estado representados na figura dos políticos que utilizam da segurança pública como ferramenta de morte, mas sim o investimento nesta instância muito superior ao da proteção social, ou seja, o objetivo não é proteger aqueles que estão socialmente vulneráveis ou a sociedade como um todo, mas armar o “Braço Forte” para que haja confrontos letais. Por essa razão, o profissional de psicologia não deve estar alheio à política, aos projetos de governo e omissos diante de opressões. Não há uma Psicologia neutra quando se deseja uma atuação efetiva no bem-estar coletivo das favelas.

O grupo Segura O’Tombo (2020), em mais um trecho de “Clássico”, traz uma das mais difíceis problemáticas sob a perspectiva psicossocial no trecho “Não posso ficar parado, tá morrendo do meu lado, irmão mata irmão, só morre favelado”.

Trabalhar na periferia requer a perspicácia de lidar com as diferentes realidades das favelas. Pensando nisso, analisa-se a seguinte problemática pensada pelos autores desta pesquisa: um irmão mora em bairro “x” e o outro em bairro “y”, ambos são envolvidos com facções e as bandeiras levantadas por essas se sobressaem ao vínculo familiar. O mesmo pode ocorrer entre amigos de longas datas, colegas de classe e conhecidos. Como atuar nessas circunstâncias?

Medeiros (2023) traz a matabilidade como forma de governo e aborda como as questões morais implicam nesse processo da gestão de luto. Trabalhar o luto não é algo simples: o luto atrelado a violência se torna ainda mais complexo. Como trabalhar sentimentos que podem ser reprimidos, escondidos ou mascarados por questões de conduta ética da periferia, como, por exemplo, a lei do silêncio? É preciso criar vínculos e reforçar a garantia do sigilo

profissional, mostrar que como profissional não cabe julgar, mas trabalhar questões sócio-afetivas que envolvem esse processo.

Antes de uma entrada sobre o fazer da psicologia dentro dessa realidade, é importante haver uma compreensão sobre o que essas comunidades criminosas significam para os que as buscam para que haja, de fato, uma possibilidade de enfrentamento e acolhimento às questões que decorrem desse contexto.

Para além disso, faz-se importante o questionamento sobre quem tem o direito a ser visto como vítima no Brasil? A quem é permitido viver as etapas do luto como pressupõe a ciência? Muitas mães da periferia ao invés de lidar com o luto precisam se abster dele para encontrar forças para comprovar que seus filhos, sendo vítimas, não eram “bandidos”, tanto para a sociedade quanto para o Sistema de Justiça.

Ciente de que um dos métodos que fortificam a necropolítica são os sistemas de poder presentes na sociedade, podemos ver o racismo transpassado ao mito da igualdade racial como uma das formas de deixar esse projeto político vigente ainda mais enraizado nas favelas. Na faixa “Bairros Divididos”, do S.E.P., o trecho “E é só mais um preto atirando no espelho, causa e efeito no gueto causando medo no beco” demonstra como essa política é sagaz e ardilosa ao fazer com que pessoas negras morram por outros meios, mas também deixando-os uns contra os outros.

De acordo com o Atlas da Violência (Ipea, 2023), em 2021 houve o registro de 36.922 homicídios de pessoas negras, correspondendo a 77,1% dos mortos daquele ano. Perfilar sobre homicidas é uma questão complexa, pois como Monteiro (2013) aborda, há uma seletividade no sistema prisional que impacta diretamente no perfil da população carcerária. Contudo, conforme o trecho, quando uma pessoa negra atira em outra é como se fosse um reflexo, não por um caso único ou circunstância específica, mas pelo fator histórico-cultural.

Sevalho & Dias (2022) traz a temática da Saúde Coletiva sob a perspectiva de Franz Fanon e a importância de refletirmos sobre os impactos da colonialidade nos dias atuais. Exercer uma práxis psicossocial decolonial, ou seja, praticar uma psicologia que vai contra um método de dominação de um povo sobre outro, requer uma perspicácia sobre fatores que vão além de Estímulo (S) e Resposta (R).

Entender que o ambiente em que os indivíduos estão inseridos vai além do que se apresenta superficialmente, não à toa há a violência e o medo nas periferias pode ser um efeito controlador por parte das autoridades e paralisador por parte da população, as pessoas param de sair, param de ficar na calçada de casa, param de usar determinados acessórios, cortes de

cabelo ou sobrancelha e até de realizar determinados gestos por medo de serem assaltadas, confundidas e até assassinadas.

Em sequência ao raciocínio crítico do S.E.P. (2021) na faixa intitulada “Os menor”, o grupo cearense expõe questões relacionadas à política de redução de danos no cotidiano das favelas. Conforme o trecho “Sem redução de danos, aumento dos planos e as drogas gerando, madrugada o comércio é aberto, produtos raros viciam voltando, epicentro da guerra é dinheiro trocado“, não basta a ausência de políticas efetivas em áreas descobertas, mas há também o sucateamento das políticas já existentes.

O vício é a dependência química sobre o uso de determinada substância. A dependência em drogas lícitas ou ilícitas é considerada pela OMS uma doença e traz males não somente ao indivíduo, mas para toda a sociedade. Para que seja considerado dependência é necessário a presença de pelo menos três dos seguintes sintomas: Dificuldade de controle sobre o consumo, sinais de abstinência, desenvolvimento de tolerância, prazer apenas através do uso da substância, persistência no uso e desconsideração das consequências nocivas (Ministério da Educação, 2024).

A Redução de Danos (RD) é uma política em saúde voltada para o cuidado com usuários com o objetivo de minimizar os impactos negativos diante do uso e estabelecer autonomia por parte dos usuários. A RD possui uma visão holística sobre o cuidado à saúde, subentende-se que é preciso ir além do uso, além da retirada da substância para um cuidado efetivo. Por isso o sujeito está no centro dos dispositivos e há o estímulo à sua participação nos recursos terapêuticos (Rodrigues, 2023).

O Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Outras Drogas, o CAPS AD, tornou-se o espaço de referência para a Redução de Danos enquanto política em saúde. O trabalho de atuação nesse equipamento precisa ser voltado para a autonomia dos usuários. As pesquisadoras Wandekoken e Dalbello-Araujo (2023) pontuam que uma das problemáticas enfrentadas é justamente a dependência ao serviço e como resultante a persistência a dependência química. Além disso, outra problemática relacionada aos CAPS AD está relacionada à territorialidade e disputa de grupos que impedem os usuários de acessar o equipamento, menos danoso a dependência do que a perda da vida ao cruzar determinadas áreas. Questão essa que abre margem para as comunidades terapêuticas.

A Guerra às Drogas é a justificativa encontrada para respaldar o genocídio na periferia, tendo como alvos em sua maioria jovens homens negros. Uma tática que tem como objetivo

um objeto inanimado, na qual a sua caça respalda diversas vidas ceifadas. Prado (2023, p. 1) a define como:

Dinâmicas de forças que constituem as práticas sociais e seus efeitos de subjetivação, produzidos pela sujeição de corpos por meio de uma diversidade de mecanismos morais, disciplinares, eugênicos, higienistas e biopolíticos que articulam os anseios de modernização e produtividade do Estado brasileiro à gestão dos problemas de saúde e segurança do país, colocando a pobreza, o vício e a doença como desdobramento da sua constituição racial.

Outro sistema de poder, além do racismo e punitivismo vistos acima, está o patriarcado, o qual transpõe o machismo e a homofobia devido a sua cultura de objetificar mulheres e reduzir apenas a ótica da cisgeneridade. A perspectiva machista, hétero e cis também está presente nos versos dos artistas selecionados, contudo, opta-se por ver a perspectiva da rapper Azzy (2018) sobre a temática na música “Fedendo à ódio”, em que realiza denúncias como no trecho “Pátria amada, derrotada/Mulher sendo abusada/Mães tem sido espancadas/Crianças abandonadas”.

Sob a perspectiva de Zanchi (2022) a violência de gênero se incorpora a necropolítica por meio da materialização dos corpos femininos pelo poder Estatal. É necessário observar que a construção de políticas é feita na maior parte, por homens, de grande maioria brancos e majoritariamente cisgênero. Logo, o Estado com seu desinteresse sobre os índices de violência e mortes por feminicídio, colabora e reproduz com a violência de gênero.

A atuação da psicologia sobre essa perspectiva pode se basear em três vieses: escutá-las, conhecer e articular com redes de acolhimento para mulheres vítimas de violência para que haja o acompanhamento necessário, evitar processos de revitimização e desvalidação da vítima, além de, numa perspectiva macro, impulsionar mulheres como, por exemplo, utilizar-se de referências e reconhecimento de outras mulheres como forma de dar voz a outras mulheres e quebrar barreiras na cultura patriarcal.

O capitalismo, principal sistema de poder que rege a sociedade, cria um padrão quase inalcançável de ostentação atrelado à ideia de sucesso resumido a recurso financeiro. O trecho, “Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido/ Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico/Em busca do meu sonho de consumo/Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas/O crime” da música “A vida é desafio”, do Grupo Racionais MC’s (2002), evidencia isso.

O neoliberalismo, modelo de governo atual, tem como uma das características a privação e terceirização de serviços, alta produtividade e baixa rentabilidade. Atrelando o Neoliberalismo à Necropolítica, Almeida (2021), através dos estudos de Mbembe, expõe que

para além da precarização da vida e do trabalho excessivo, sem grandes remunerações à classe trabalhadora, há também desumanização de corpos, sobretudo corpos negros, sendo difícil separar por essa lógica o que é animal, o que é homem e o que é máquina.

O profissional de psicologia precisa estar atento a como se portar diante da demanda apresentada. Quais questionamentos são feitos após a queixa de estresse, sobrecarga ou mesmo tristeza? O indivíduo não vive isolado de seu meio e a falta do básico, somada à violação de direitos, gera angústia e sofrimento. O profissional busca de fato entender e tratar essa dor ou apenas amenizá-la buscando meio de suavizar o sofrimento de forma desconexa à realidade do indivíduo? A psicoterapia e todo o trabalho do profissional de psicologia precisam fornecer meios de questionamentos, autoconhecimento, autonomia e consciência, estratégias e práticas de cuidado, mas nunca de pacificação de corpos.

4.1.2 Dificuldades e limitações

Como citado anteriormente, existem dificuldades e limitações por parte dos profissionais, mas principalmente por parte da população periférica. Existem dificuldades de viver, ter oportunidades justas, até mesmo de ser feliz. Há também limitações de escolhas impostas socialmente, limitações de trajetos devido às disputas de territórios e até mesmo o baixo índice de desenvolvimento humano (IDH).

Uma das inúmeras dificuldades presente no cotidiano da periferia é o desemprego ou boas oportunidades de emprego, muitas vezes há uma submissão a empregos com exploração pelo medo de não conseguir oportunidades melhores. Quando visto sob a perspectiva de egressos do sistema prisional e socioeducativo esse questionamento se intensifica como observado no trecho da música intitulada “Esculpido a Machado”, do artista Leall (2021): “Mas se eu sair daqui, quem vai contratar?”.

De acordo com o estudo realizado pelo portal de comunicação G1 em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2019, através do Monitor da Violência, dentre o total de 737.892 egressos no sistema prisional, apenas 18,9% trabalham e 12,6% estudam. Os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Sergipe lideram o ranking de mais trabalhos e Ceará, Rio de Janeiro e Goiás, respectivamente, lideram o ranking dos que menos têm trabalho (G1, 2019).

Não há como pensar em ressocialização de forma eficaz quando não é gerada perspectiva de possibilidades de melhoria dentro do sistema prisional. Com isso, percebe-se também que o encarceramento em massa não inibe ou controla a violência, pelo contrário, uma

vez egresso, há maiores chances de reincidência do que de ressocialização. “Ser empresário não dá, estudar nem pensar/Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar/Ser criminoso aqui é bem mais prático” (Racionais MC's, 2002). Dito isso, a ideia de permanência no crime por alguns se torna uma questão mais firme, mais prática para a própria sobrevivência.

O discurso meritocrático traz uma perspectiva individualista sobre poucos campeões e muitos perdedores, justificada pelo esforço, sem considerar a desigualdade social, sendo necessário pensar sobre a democratização de oportunidades, justiça e equidade (Ferreira & Palmeirão, 2023).

Como profissionais de psicologia, faz-se necessário buscar compreender a escolha a partir da ótica do indivíduo, através da sua trajetória de vida, se abster de julgamento moral nos discursos conforme a conduta ética da profissão e acolher as demandas apresentadas. É preciso também realizar um trabalho que possibilite sonhar, traçar planos e realizar objetivos que outrora estavam fora de cogitação para serem alcançados. Um trabalho minucioso de planejamento de carreira e orientações de liderança para que haja uma maturidade diante de planos ambiciosos. Por vezes, a perspectiva simplista ou mesmo a falta dela é acometida de forma natural na periferia, justamente por não haver esse estímulo para objetivos maiores e grandes dificuldades presentes enquanto os recursos para alcançá-los cada vez mais ausentes.

O ponto abordado no trecho “Da ponte pra cá é a órbita da favela tem que aprender a respeitar pra poder passar por ela” (Subconsciente Em Pauta, 2021) é a conduta periférica. Em cada lugar existem modos culturais de ação: em uma faculdade ou escola é necessário se portar com disciplina seguindo as normas da instituição. Um condomínio possui regras de boa convivência para manutenção do bem-estar entre os condôminos. Assim, na periferia não seria diferente. Há um conjunto de regras adotadas para autoproteção e adaptabilidade às circunstâncias que podem ocorrer, a adaptabilidade torna-se uma das características comuns na periferia, pois há modificações diante das dinâmicas que acontecem nesse espaço. Ou seja, o aprender a respeitar dá lugar ao adaptar-se para manter a sua permanência.

4.1.3 Conflitos internos

As problemáticas psicossociais nas favelas também são convertidas em conflitos internos que levam a questões como complexas reflexões intrínsecas: o autoconhecimento constante em formas de autopercepção, autopreservação, autocontrole e principalmente autocobrança, o que por vezes resulta numa absorção de fatos e ocorrências sem a verbalização necessária sobre tais acontecimentos e a utilização do esforço como ferramenta de processos de resiliência, como no

trecho “Eu durmo pronto pra guerra/E eu não era assim, eu tenho ódio/E sei o que é mau pra mim/Fazer o que se é assim” (Racionais MC’s, 2002).

A ideia de que as coisas são como são traz a percepção do Fatalismo de Martin-Baró no qual o indivíduo que nasce nas periferias latino-americanas internaliza um conjunto de ideologias experienciadas através de seu mundo social são produzidas percepções de que realizar esforços provavelmente não produzirá transformações sociais efetivas (Ansara & Dantas, 2010).

Acostumar-se com o ódio, com a guerra e o caos presente no cotidiano, naturalizando situações adoecedoras como forma de “abafar” os conflitos internos decorrentes dos estresses diários. É importante pensar formas de trabalhar essas inquietações a partir de cada realidade, de modo que aquele sujeito crie outras formas de direcionamento para esse misto de emoções.

Passar por situações constantes de demasiado estresse, traumas, abusos e humilhações ocasionam o sentimento de ódio. Há uma raiva intensa e constante que endurece o ser humano diante de outras possibilidades, por vezes quase nulas, devido a esse ódio. Trabalhar esse sentimento é um processo árduo.

No trecho “Mesmo no ódio puro não agir na emoção, paciência é a chave já avisei pros meus irmão” (Segura O’Tombo, 2021), não agir na emoção requer o autocontrole, mesmo que instintivamente sinta a necessidade de agir por impulso em situações que “fervem a cabeça”. Com isso, observa-se que existe a percepção de auto regulação consigo e repassada como forma de conselho aos outros. Ter a ciência de que é necessário ter paciência diante de situações que levam a ações irracionais é também uma forma de equilibrar os conflitos internos por meio da autopercepção.

Marchezini-Cunha & Tourinho (2010) abordam a assertividade, agressividade e passividade como questões relacionadas ao autocontrole e impulsividade. É necessário trabalhar o autocontrole para que em situações que elevam o sentimento de ódio haja uma comunicação assertiva diante dos conflitos emergentes. Contudo, também é necessário refletir e propagar essa reflexão sobre como emoções raivosas advindas de pessoas marginalizadas passam a ser vistas como agressividade extrema e mesmo criminalizadas, havendo uma tentativa de domesticar esses corpos.

A ideia de guardar para si e não buscar ajuda técnica intensifica ainda mais os conflitos internos. “Mas limpa o sangue da camisa e manda se fuder, já que o inferno é só nosso e você não vai entender” (Segura O’Tombo, 2021).

É comum, no imaginário coletivo, diversas questões referentes ao trabalho da psicologia a ideia de ser analisado o tempo todo, concepções de uma psicologia elitista, atendimentos somente para sujeitos taxados de “loucos”, considerados fora do padrão social. assim e associação a outras profissões como a psiquiatria associada a diagnósticos e medicamentos. Mas, uma das concepções mais comum por determinados sujeitos na periferia é a de que não será compreendido de fato, as suas experiências são complexas e ninguém os entenderá ou fará questão de os compreender.

Faz-se necessário antes da escuta em si o espaço de abertura, uma troca de fato com aquele sujeito e não estar alheio ao campo a qual atua. Entender que expor é difícil em qualquer contexto, mas que algumas dores podem ser mais complexas pelo atravessamento de outras. Por isso, é necessário muito cuidado ao se portar, ao se expressar e ao construir o vínculo.

O trecho “Medalhas de prata não valem nada” (BK, 2016) evidencia que há uma necessidade comum de vencer, optar por ser o melhor. Trechos como esse são comuns nas letras de *rap*. Na periferia, o ditado “No corre por obrigação, vencedor por necessidade” tem sua origem desconhecida, mas acaba sendo repetida por muitos. A ideia de força como ponto necessário dar-se devido às problemáticas enfrentadas, contudo, o desejo de ser o melhor, de estar no topo, de vencer pode ocorrer devido ao fato do esforço ser dobrado em relação aqueles que possuem maiores oportunidades naturalmente e não porque foi necessário buscá-las.

Ser o melhor em uma sociedade permeada por desigualdade não é um objetivo simples, significa se esforçar muito, fazer muito e extremamente bem feito, o que resulta em uma enorme autocobrança. Exercer uma alta cobrança a si mesmo em busca de ser “o melhor”, somada aos estresses que permeiam o cotidiano e as responsabilidades assumidas pode ser um fator desencadeador de ansiedade.

Como profissionais, é preciso estarmos atentos às questões que nos são apresentadas. A ansiedade que outrora é vista como questão pertinente a população em geral, precisa ser averiguada a partir das intersecções de quem a apresenta, caso contrário, o indivíduo poderá passar a fazer o uso de medicamentos ou meios alternativos, sem o tratamento adequado sob o viés da psicologia.

O esforço como ferramenta de resiliência e modo de manter a constância é uma das questões importantes a serem trabalhadas, representada no trecho da música “Faça dinheiro, se mantenha vivo”: “Nego, ninguém me deu nada de graça/Eu quero tudo, eu posso tudo/Tudo nessa vida passa/E o que me faz ser diferente é a vontade do início ao fim da caminhada” (Leall, 2021).

Uma das questões que favorecem o trabalho de construção da autonomia é o reconhecimento do sujeito como um ser de valor e de direitos. A percepção de que “ninguém me deu nada de graça” favorece esse processo. Além do reconhecimento de que as coisas são conquistadas e não apenas dadas por boa vontade de terceiros, a percepção de que sonhar é possível, sem dúvidas contribui para que haja uma maior apropriação dos recursos e oportunidades.

Ao traçar um objetivo, diversas dificuldades poderão surgir, contratempos e limitações podem desestimular o sujeito a permanecer no caminho dos planos. Assim, a vontade do início ao fim da caminhada se torna um reduto para permanecer no caminho escolhido mesmo diante de circunstâncias desafiadoras.

4.2 A construção de caminhos possíveis para o bem estar coletivo nas favelas

Ao tratarmos de Futuro é preciso pontuar sobre o presente. Percebe-se que, numa ânsia por melhores qualidade de vida e bem-estar, as pessoas acabam tentando fazer tudo ao mesmo tempo e alguns processos não trazem retorno rápido. Junto a isso, há os estigmas e limitações que impactam na vida das pessoas na favela, como pode-se observar no trecho “Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho” da música “Nego Drama” dos Racionais MC’s (2002).

A filósofa e professora Grada Kilomba (2024) em sua entrevista ao programa Roda Viva pontua sobre a liberdade de ser simplesmente humano. Por muitas vezes, é retirado o poder de errar das pessoas negras ou pessoas que vivem em comunidades marginalizadas. Então, na busca dessa perfeição inalcançável, nas tentativas constantes de acertos, traçando esforços dobrados, há o sentimento de estar atrasado, visto que há sempre a procura pelo inatingível, ser o melhor sempre, ser melhor em tudo, principalmente comparado a pessoas que possuem privilégios de errar e recomeçar ou daqueles que não precisam começar essa corrida ao topo do zero.

Como profissionais, faz-se necessário a produção de reflexão sobre a necessidade de aprovação, comparação ao outro e busca incansável por alcançar padrões que foram estabelecidos exatamente para não serem alcançados. É importante trabalhar também a auto afirmação, autoestima e o reconhecimento do valor próprio com essas pessoas. Além disso, enquanto profissionais que transitam por diferentes espaços, faz-se importante trabalhar os estigmas a qual são adicionados às pessoas e impactam em suas vidas, pois se há uma visão estigmatizada e estereotipada sobre determinado indivíduo, as suas ações serão reduzidas a essa visão e o seu potencial não será de fato aproveitado.

No trecho “Não espere o futuro mudar sua vida/Porque o futuro será a consequência do presente/Parasita hoje, Um coitado amanhã/Corrida hoje, Vitória amanhã/Nunca esqueça disso, irmão” da música “A vida é desafio” (Racionais MC's, 2002) apresenta em tom de sermão a importância e necessidade de um planejamento de futuro.

O profissional de psicologia pode auxiliar através de um plano de ação ou projeto de vida. Para planejar o futuro é preciso traçar metas de acordo com o presente para que sejam passíveis de ser alcançadas. É necessário traçar metas de acordo com os objetivos do sujeito, mas de forma que o impulsionam a visualizar opções de mudanças.

No trecho “Que'cê quer? Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?” (Racionais MC's, 2002) reforça um ponto já abordado em diversas músicas do grupo, o impasse entre persistir um sonho ou sobreviver.

Muitas vezes essa busca por melhoria de vida pode direcionar o sujeito ao crime, como visto no decorrer da pesquisa. A busca por autoridade, poder e dinheiro pode resultar no caminho mais rápido, não digo aqui fácil, pois existem vários percalços pelo caminho que podem resultar inclusive na perda de vida do sujeito. Contudo, diante do papel do psicólogo, a atuação pela transformação de condições opressivas pode contribuir para a quebra dessa dualidade, mostrando a importância de sonhar e lutar por melhores qualidades de vida sem se resumir a um “Zé”.

O trecho “É isso aí você não pode parar/Esperar o tempo ruim vir te abraçar/Acreditar que sonhar sempre é preciso/É o que mantém os irmãos vivos” (Racionais, 2002) reflete o processo de resiliência necessária para sonhar, no qual as próprias condições de existência frequentemente ameaçam a qualidade de vida. A busca por objetivos e sonhos, apesar das dificuldades, é essencial para manter uma visão de futuro positiva e fortalecer a coesão social e comunitária, imprescindível para a sobrevivência e a resistência coletiva.

Quanto ao futuro, as perspectivas através dos trechos instigam a considerar diferentes caminhos para promover o bem-estar coletivo nas favelas e comunidades periféricas. Isso inclui a criação de espaços seguros e acolhedores para que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e respeitadas. Além disso, é crucial fortalecer as redes de apoio comunitário e garantir o acesso a serviços psicológicos culturalmente sensíveis, reconhecendo e valorizando as diferentes formas de conhecimento e práticas de cura presentes nessas comunidades.

Quando falamos de vulnerabilidade social, falamos, sobretudo, de déficit de assistência e dificuldade de acesso com qualidade à realidade. Como intervenção dentro do vácuo de suporte verificado, temos a construção de uma rede de apoio entre os próprios viventes

daquele contexto. "Que a sua família precisa de você/Lado a lado se ganhar/Pra te apoiar se perder" (Racionais MC's 2002) é, acima de tudo, um lembrete da construção dessa rede de apoio, definida como um conjunto de atores que prestam o papel de significância àquilo que compõe os relacionamentos recebidos e percebidos pelo sujeito (Juliano; Yunes, 2014), onde as famílias se tornam verdadeiras fontes de suporte uns aos outros. É nesse tecido social que a rede de apoio se manifesta, não apenas como um conceito abstrato, mas como uma teia tangível de laços comunitários.

Para a construção do bem-estar na periferia, o trecho "Eu ainda pixo muro, mantenho minha essência e se eu enricar nessa porra minha zaria⁴ também enrica, eu não vou é me esquecer de onde que foi minha vida" (Segura O'Tombo, 2021) pontua a importância de exercer uma constante conscientização e superar as identidades colonizadas.

O trabalho do psicólogo nesse contexto não é julgar as formas de manter sua essência, como por exemplo, pichando muros. De modo geral, faz parte a conscientização sobre os riscos, todavia o sujeito já pode estar ciente. É preciso despir-se do politicamente correto e buscar entender a representação desses atos para a manutenção da essência desse sujeito. Qual sensação isso lhe traz? Por exemplo, é um caminho de perguntas inventivas para acessar a produção de sentido do sujeito.

O pensamento de coletividade é outro ponto a ser enaltecido como meio de construção do bem-estar coletivo. Buscar vencer em conjunto, e não apenas uma vitória individual, é um desafio, mas que possibilita a união. Isso porque, para além das problemáticas presentes na favela, existe muita potência e senso de coletividade que por vezes são desconsideradas como meios para uma melhor qualidade de vida.

Nesse mesmo contexto, em uma realidade repleta de escassez de recursos, "Grana pra bancar o estudo de uma pá de criancinha, esquecida na estatística de um país genocida, o meu sonho é muito mais que uma mansão com piscina carai" (Segura O'Tombo, 2021) é não somente a clarificação da dificuldade, mas o sonho atrelado a uma busca material que vai além do "sucesso" econômico. A educação, muitas vezes vista como a ponte para um futuro melhor, é uma aspiração compartilhada, mas frequentemente tolhida pela falta de recursos financeiros. Nesse contexto, a comunidade se torna um espaço de solidariedade propiciando o melhor que pode para dar possibilidade de sonho.

⁴ O termo "zaria" é uma gíria local condizente a área territorial a qual o sujeito habita.

Entretanto, os desafios vão além da esfera econômica. A periferia é um microcosmo onde as injustiças sociais são frequentemente atreladas. É aqui que o verso "Embalando os versos e traficando os livros, trocando ideia que atrai o senso crítico aos meninos" (Subconsciente em Pauta, 2021) ganha significado quando, em meio ao caos, a comunidade se torna um espaço de resistência intelectual, onde o conhecimento é uma arma poderosa contra a opressão. Nas rodas de conversa e nos corredores das escolas, a troca de ideias se transforma em uma ferramenta de empoderamento, capacitando os jovens a questionar e desafiar as estruturas que os cercam.

O que é dito e trazido por meio das letras reflete não somente um horizonte incógnito, mas a educação como saída de uma realidade difícil. Dentro do papel da psicologia, suporte para os agentes internos da comunidade, levada pelo conceito de conscientização (Martín-Baró, 1997), pode facilitar o percurso dos indivíduos através de um processo de psicoeducação como ferramenta de mudança e transformação social.

Conforme Martín-Baró (1997), o processo perpassa três passos: Inicialmente, a pessoa se transforma ao modificar sua realidade, num processo dialético e ativo, impulsionado pelo diálogo, não pela imposição. Em seguida, ao decodificar seu mundo, ela desmascara os mecanismos de opressão, derrubando as falsas consciências e abrindo espaço para novas ações. Por fim, esse novo saber sobre si e sobre a sua realidade a capacita a uma nova práxis, uma ação transformadora que não só desvenda as suas origens, mas também vislumbra o seu futuro.

Com isso, o profissional de psicologia pode atuar na construção de caminhos para um bem-estar coletivo através do auxílio no resgate da autoestima, empoderamento, identificação e fortificação das redes de apoio, planejamento de futuro e atuando na garantia de direitos humanos em todas as dimensões possíveis que abrange a profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises dos trechos destacados compreende-se que a música, para além de expressão artística, é um meio de dar voz à cultura periférica, não apenas descrevendo a realidade, mas evidenciando as lutas, aspirações e identidades dessas comunidades socialmente marginalizadas. A música é uma forma destacada de expressão cultural nas comunidades de maneira a explicitar, de modo próprio, os horizontes e necessidades como meio a mobilizar e organizar por meio da identificação.

A atuação do psicólogo ganha destaque como auxiliar na construção do bem-estar e no empoderamento dessas comunidades. É fundamental que os profissionais de psicologia

compreendam as complexidades das questões psicossociais enfrentadas por esses grupos, levando em consideração os desafios específicos de marginalização, estigma e desigualdade, trabalhando com a responsabilização dos devidos atores em seus contextos. Mas, mais do que isso, como classe, é necessário trabalhar lado a lado com os membros das comunidades, reconhecendo-os como especialistas de suas próprias realidades suficientemente capazes de suas lutas, colaborando assim, na busca autônoma por melhores condições de vida.

O intuito da pesquisa não foi somente apontar as problemáticas que existem nas favelas, essas questões já estão elaboradas em diversas áreas. A pesquisa buscou provocar como o psicólogo intervém para essas necessidades específicas. Além disso, buscar reconhecer a favela como lugar de potência para além do caos existente, sob a ótica da psicologia. Dito isso, utilizar as produções da favela como método constituinte desse trabalho também se torna uma forma de reconhecimento desse potencial. E com isso, busca-se impulsionar os pesquisadores a ir a campo e buscar nas favelas os questionamentos e temáticas apontados aqui.

Diante desse contexto, surge a pergunta que sempre deve atravessar o que fazer da Psicologia: o que o psicólogo pode fazer? A resposta envolve adotar uma abordagem crítica, mobilizante e ao mesmo tempo facilitadora de ações que possibilitem uma luta comprometida em desafiar as estruturas de poder que perpetuam a violação de direitos e a precarização da vida, assim como de um trabalho que possibilite reconhecer e potencializar as virtudes da favela.

Contribuir para uma mudança real e significativa não se trata somente de oferecer serviços pontuais de intervenção, mas também trabalhar ativamente para empoderar as comunidades, fortalecendo a sua capacidade de resistir e transformar as suas próprias realidades. Em última análise, seguindo o papel social da profissão, o psicólogo deve por obrigação buscar a justiça social e equidade, reconhecendo a importância vital de ouvir, aprender e agir em solidariedade com as comunidades periféricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de .. (2021). Necropolítica e neoliberalismo. *Caderno CRH*, 34, e021023. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.45397>.
- ANSARA, S. & DANTAS, B. S. A. (2010). Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 95-103.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 17, 2023. ISSN 1983-7364. Disponível em: <<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/57>>.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro: IPEA, 2023. Disponível em: <<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/234>>.

AZZY (2018). Fedendo a ódio. Rio de Janeiro: PineappleStormTV. 2min. Disponível em: <<https://youtu.be/UZYJnmVwjhY?si=E1C-DtpFyTc7n-l6>>

BATISTA, A. M. DE M. PRÁXIS, CONSCIÊNCIA DE PRÁXIS E EDUCAÇÃO POPULAR: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SUAS CONEXÕES. Educação e Filosofia, v. 21, n. 42, p. 169–192, 1 jul. 2007.

BEATO, C.; ZILLI, L. F. A estruturação de atividades criminosas: um estudo de caso. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 80, p. 71–88, out. 2012.

BK (2016). Quadros part. Ashira e Luccas Carlos (Prod. JXNVS). Rio de Janeiro: Pirâmide Perdida. 5min. Disponível em: <https://youtu.be/Lxaf6GZv_7U?si=oDg9x0vYz5JMoYph>

CAVALCANTE, L F. Nunes, L. F.; Alves, I. dos S. Gomes, C.G. de A.; Barros, J. P. P. Efeitos psicossociais da violência armada no cotidiano de estudantes de uma escola pública da periferia de Fortaleza. UniVS. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências - RIEC Icó-Ceará | v.5 | n.1 | p. 26 - 44 | Jan-Abr | 2022.

CFP. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, agosto de 2005.

CNN. O Brasil virou celeiro do mundo e já lidera exportação de sete alimentos. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-virou-celeiro-do-mundo-e-ja-lidera-exportacoes-mundiais-de-sete-alimentos-diz-btg/#:~:text=Brasil%20virou%20E2%80%9Cceleiro%20do%20mundo%20E2%80%9D%20e%20j%C3%A1%20lidera%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20mundiais,de%20sete%20alimentos%2C%20diz%20BTG&text=O%20Brasil%20j%C3%A1%20exerce%20a,de%20%E2%80%9Cceleiro%20do%20planeta%E2%80%9D> .

D'ANDREA, TIARAJU. CONTRIBUIÇÕES PARA A DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS PERIFERIA|SUJEITAS E SUJEITOS PERIFÉRICOS. Novos estudos CEBRAP [online]. 2020, v. 39, n. 1 [Acessado 2 Outubro 2023], pp. 19-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005>> . Epub 10 Jun 2020. ISSN 1980-5403. <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005>.

Em 6 anos, mil pessoas foram vítimas de bala perdida no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/em-6-anos-mil-pessoas-foram-vitimas-de-bala-perdida-no-rio-de-janeiro>>.

GUARESCHI, N. M. DE F. et al.. Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. Estudos de Psicologia (Natal), v. 8, n. 1, p. 45–53, jan. 2003.

Favelas e Comunidades Urbanas | IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-favelas-e-comunidades-urbanas.html>>.

SILVA, I. I. B. S.; BARROS, I. M. P. P. Necropolítica nas periferias: um estudo sobre a limitação das operações policiais nas favelas do rio de janeiro durante a pandemia. *Revista Transgressões*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 97–114, 2021. DOI: 10.21680/2318-0277.2020v8n2ID22384. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/22384>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FERREIRA, M. R., Alves, J. M., & Palmeirão, C.. (2023). Meritocracia, excelência e exclusão escolar: uma *scoping review*. *Cadernos De Pesquisa*, 53, e10250. <https://doi.org/10.1590/1980531410250>.

GODOY, A. S.. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista De Administração De Empresas*, 35(2), 57–63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.

GÓIS, C. W. DE L. Psicologia comunitária. repositorio.ufc.br, 2003.

GASPARINI, Igor. HIP HOP. Verbete: Dança em rede. SPCD, 2020. Disponível em: <https://spcd.com.br/verbete/hip-hop/>.

G1. Menos de 1/5 dos presos trabalha no Brasil; 1 em cada 8 estuda. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/menos-de-15-do-presos-trabalha-no-brasil-1-em-cada-8-estuda.ghtml>>

GOV. Dependência química é doença e tem tratamento. Ministério da Educação, Brasil. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/dependencia-quimica-e-doenca-e-tem-tratamento>> .

JULIANO, M.C.C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoios sociais com mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 3. p. 135-154, set. 2014.

LEALL (2021). Faça dinheiro se mantenha vivo. Rio de Janeiro. 2min. Disponível em: <<https://youtu.be/w1Lim3O5JT8?si=SKRJf869nALosWL>>

LEALL (2021). Cadeia ou morte?. Esculpido a machado. Rio de Janeiro. 2min. Disponível em: <https://youtu.be/WjKPmvzdf2M?si=Ay_iDBFt3zaKRlyl>

MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento. *Informação & Sociedade*, [S. l.], v. 20, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/4011>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MAGRO, V. M. de M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 22, n. 57, agosto, p. 63-75, 2002

Martín-Baró, I.. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos De Psicologia (natal)*, 2(1), 7–27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MARCHEZINI-CUNHA, V., & TOURINHO, E. Z.. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(2), 295–304. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200011>.

MONTEIRO, F. M., & CARDOSO, G. R.. (2013). A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: Um debate oportuno. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 13(1), 93–117. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.1.12592>.

MEDEIROS, F.. (2023). Matabilidade como forma de governo: violências, desigualdades e Estado numa perspectiva comparativa entre Florianópolis e Rio de Janeiro. *Horizontes Antropológicos*, 29(65), e650405. <https://doi.org/10.1590/1806-9983e650405>.

MIRANDA, G.; PAIVA, I. L. DE. Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação e facções criminosas. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 16, p. 193–218, 30 jan. 2023.

PRADO, G. A. S.. (2023). Paradigma Manicomial e Proibicionismo como Operadores da Guerra de Raças no Brasil. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43, e244329. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244329>.

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – PNAS/ 2004. Resolução 145/2004. Brasília: CNAS, 2004.

RACIONAIS MC'S. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Cosa Nostra: 2002. Youtube (110 min).

Roda Vida. Roda Viva | Grada Kilomba | 13/05/2024. Youtube, 2024. 93min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/up-F2Pzf0LY?si=68vFFVcvha9AjOTm>> .

RODRIGUES, T.H. (2023). Entre o risco e o dano: Redução de danos, Redução de riscos e prevenção no Brasil e na França. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social*. 16(1), 119-143. <https://doi.org/10.4322/dilemas.v16n1.49491>.

SEGURAOTOMBO (2020). Clássico. Fortaleza: Segura O'Tombo. 4min59s. Disponível em: <<https://youtu.be/Bped6NgCKTI?si=4Eot0R3fW4YJrGLV>>

SEGURAOTOMBO (2021). MC Lukinha da Norte ft. Duarte das Ruas - Bomba Relógio. Fortaleza: PL no beat. 3min48s. Disponível em: <<https://youtu.be/I8XCne00jg4?si=bhc-TNwAteW2xAOD>>

SILVA, M. da C. G. da ., LIMA, S. C. F. de ., LIMA, A. F. de ., & BARROS, J. P. P.. (2022). Necropolítica e vidas não passíveis de luto: a (re)produção midiática do inimigo. *Psicologia Em Estudo*, 27, e49027. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.49027>.

SILVA, C. A. F. DA .; BICALHO, P. P. G. DE .. Psicologia e direitos humanos: por que discutir necroliberalismo nas políticas de segurança?. *Revista Direito e Práxis*, v. 13, n. 3, p. 2009–2023, jul. 2022.

SUBCONSCIENTE EM PAUTA (2019). Clima Tenso. Do dialeto ao dialeto. Fortaleza: 085. 5min. Disponível em: <https://youtu.be/Yg8bZ9NltR8?si=jiH_grbV8j8fyKpC>

SUBCONSCIENTE EM PAUTA (2021). Pros que tira de tempo. Do dialeto ao dialeto. Fortaleza. 2min12s. Disponível em: <<https://youtu.be/oKGZ2odc0Dk?si=ZucwZUO6A3v2PmUO>>

SUBCONSCIENTE EM PAUTA (2021). Os menor. Do dialeto ao dialeto. Fortaleza. 2min42s. Disponível em: <<https://youtu.be/kHIQjXE4uhQ?si=Cz4nDJImXKQGK-kp>>

SUBCONSCIENTE EM PAUTA (2021). Bairros divididos. Do dialeto ao dialeto. Fortaleza:

WANDEKOKEN, K. D., DALBELLO-ARAUJO, M., & SODRÉ, F.. (2021). “EnCAPSulados”: autonomia e dependência no processo de trabalho em CAPSad. *Fractal: Revista De Psicologia*, 33(2), 100–107. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i2/5793>.

ZANCHI, D (2022). Violência de gênero e necropolítica. v.6 n.1 (2021): VI Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra. Disponível em: <https://trabalhoscidhcoimbra.com/ojs/index.php/anaiscidhcoimbra/issue/view/10>.